

UMA METAFÍSICA PERMANENTE: SOBRE O MOVIMENTO DA RACIONALIDADE HERMENÊUTICA

A PERMANENT METAPHYSICS: ABOUT THE MOVEMENT OF HERMENEUTIC
RATIONALITY

Ricardo Lavalhos Dal Forno *

“O que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando o nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece”.

Hans-Georg Gadamer

“A hermenêutica é, antes, o que obtemos quando não somos mais epistemólogos”.

Richard Rorty

“Pois a metafísica é um caminho necessário e impossível”.

Ernildo Stein

Resumo: A metafísica, desde sua origem, vinculou o ser ao Uno (o absoluto, perfeito, simples e isento de toda a mudança). Desta forma, o ser foi subordinado à uma dimensão, ela própria, além do ser. A consequência disto foi a unificação da ordem ontológica com a ordem teológica, dando origem ao que Heidegger chamou de *Ontoteologia*. Uma vez que esse tipo de teoria foi abandonado, a filosofia em suas vertentes historicistas começa a produzir racionalidade no mundo histórico e social. Partindo desta condição, o presente artigo pretende responder a seguinte questão: *como a hermenêutica é capaz de produzir sua racionalidade sem recorrer ao nível ontológico tradicional ou ao nível teológico?* Isto é, como o pensamento hermenêutico pode falar com sentido apenas partindo do universo histórico do ser humano? Para responder à questão, iremos explorar a estrutura circular da racionalidade hermenêutica, pois uma vez que perdemos o fundamento que vinculava a razão ao universal de maneira ontológica ou teológica, estamos postos num plano em que o espaço de fundamentação é totalmente histórico e circular. Surge, com isto, um tipo de trabalho metafísico novo, que assume a contingência e a inesgotabilidade de sua própria atividade. É desta forma que a hermenêutica nasce como uma técnica de interpretação de textos e termina se transformando em uma metafísica revisada, uma vez que toda nossa relação com a realidade passa a ser uma relação hermenêutica: o ser mesmo se apresenta a nós já com um caráter hermenêutico.

Palavras-chave: Hermenêutica, metafísica, racionalidade, historicidade.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). E-mail: ricardo.ldforno@hotmail.com

Abstract: The metaphysics, since its origin, linked the being to the Uno (the absolute, perfect, simple and free of all of the changes). Thus, the being was subordinated to one dimension, itself, beyond the being. The consequence of this was the unification of the ontological order with the theological order, originating what Heidegger called Ontotheology. Once this kind of theory was abandoned, the philosophy in its historicists strands start to produce rationality in the historical and social world. Based on the assumption, the present article intends to answer the following issue: how is the hermeneutic able to produce its rationality without resort to the traditional ontological level or to the theological level? Or how the hermeneutical thoughts might speak with sense only departing from the historic universe of the human being? To answer this question, we will explore the circular structure of the hermeneutical rationality, because once we lose the fundamentals that links the reason to the universe in an ontological or theological way, we are put in layout in which the space of grounding is totally historic and circular. Emerges with this, a new kind of metaphysical work, which assumes the contingency and the inexhaustibility of its own activity. It's in this way that the hermeneutic is born as a technique of text interpretation and ends up transforming in a revised metaphysics, since all our relation with the reality turns out to be a hermeneutic relation: the being itself is presented to us already with a hermeneutic character.

Key words: Hermeneutic, metaphysics, rationality, historicity.

A charada de Homero

É Heráclito, em seu *fragmento 56*, quem nos conta a história de quando Homero se deparou com um grupo de jovens pescadores na praia. Os jovens pescadores acabavam de voltar da pesca em alto mar e, no entanto, não haviam pescado nada. Homero, sem saber disto, pergunta se haviam pescado algo. E os pescadores respondem: “*o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco*” (HERÁCLITO, 1996, p.102). Os pescadores foram buscar algo e voltaram. A pergunta de Homero é simples: trouxeram algo? A resposta dos pescadores já não é tão simples: o que pegaram, não trouxeram, porém o que não pegaram, eles trouxeram. Demasiado complicado.

Foram buscar algo. Encontraram. Mas decidiram não trazer justamente aquilo que encontraram. Já aquilo que não encontraram, isso sim eles trouxeram. É fácil entender a primeira parte da explicação dos pescadores. O que nos interessa é a segunda. Alguém pode ir buscar algo, não encontrar, e mesmo assim trazer consigo? Como alguém pode trazer justamente aquilo que não encontra? Se nunca encontrei, como posso saber que trago comigo? A parte final do recado dos pescadores parece indicar uma inevitabilidade que não depende de nossa consciência, um sentido que nos excede, algo sobre o que podemos ter consciência, mas

nunca esgotar ou dominar de alguma forma. Pescar é uma ação interessante, pois é algo que depende de nossa ação e ao mesmo tempo transcende e nos captura.

A solução do enigma lançado pelos pescadores é bem menos interessante do que a relação que queremos fazer aqui com o trabalho da hermenêutica filosófica. É o próprio Heráclito, no mesmo fragmento, quem nos conta: “Pois o enganaram meninos que matando piolhos lhe disseram (...)” (HERÁCLITO, 1996, p.102)¹. Ou seja, já que no mar não haviam pescado nada, os meninos falavam de piolhos. Explicando melhor, só haviam conseguido “pescar” alguns piolhos. E os piolhos que encontraram, foram deixados no mar; foram encontrados e abandonados. Os piolhos que não puderam encontrar, esses ainda traziam em suas cabeças. Homero perguntou por peixes, mas a resposta foi piolhos.

Mesmo sem saber, sem conseguir “pegá-los”, nós carregamos nossos piolhos. Nossos piolhos, nossas pragas, nossos problemas, algo que nos incomoda, mas, principalmente, algo que nos contamina, algo que impede nossa pureza, algo estranho que habita em nós e rouba nosso sangue. Possuímos sempre posições prévias, a partir das quais classificamos e conhecemos a realidade. Como veremos nesse artigo, na filosofia é justamente a hermenêutica quem pensa aquilo que inevitavelmente sempre trazemos conosco. Nossas posições prévias, nossa pré-compreensão, nossa historicidade, tudo isso são como os piolhos existenciais que não podemos pegar.

A hermenêutica se interessa por isso que escapa. Ela pensa aquilo que nunca pode tomar posse definitiva, e por isso seu trabalho deve sempre ser levado adiante. Aquilo que podemos pegar não lhe interessa: é jogado no mar. Sempre há um primeiro passo já realizado, uma compreensão originária (cotidiana, prévia) que nos domina, que nos faz agir sem que a percebamos atuar. É isso que a hermenêutica busca. Enquanto boa parte dos filósofos saem em buscas de peixes, o hermeneuta quer encontrar piolhos. E a verdade dos piolhos, se é que há, se encontra oculta; cada vez que iluminamos um pouco, novas obscuridades irão surgir. Aquilo que não encontramos, trazemos sempre conosco, e disso nunca conseguiremos nos separar. Para a hermenêutica, nunca viveremos sem piolhos. Nada podemos contra o que necessariamente trazemos e não podemos expulsar. Porém, o que é? O que é isso que sempre trazemos conosco, que não podemos abandonar e a hermenêutica se dá a tarefa de pensar?

O que é que levamos oculto e não sabemos? Quais são os nossos piolhos? A hermenêutica pensa uma ordem, um sentido, que nos excede e nos condiciona. Um “algo a

¹ O fragmento completo é o seguinte: “Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero, que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-no meninos que matando piolhos lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco” (HERÁCLITO, 1996, p.102).

mais” que não podemos encontrar, pois se nós o encontrarmos – ao nomeá-lo, torná-lo compreensível, colocá-lo dentro dos limites deste mundo - já não seria um “algo a mais” e sim “algo a menos”. A hermenêutica pensa a ação oculta de uma ordem que, muitas vezes sem ser percebida, nos condiciona e que nunca podemos terminar de tematizar, compreender ou expressar. Há sentidos ocultos que trazemos conosco. O que não conseguimos pescar inevitavelmente carregamos para onde formos.

Compreender e interpretar, enquanto um acontecer do sentido, cuja historicidade jamais esgotamos, confluem para um vasto painel numa época histórica determinada. Podemos trabalhar de modo semelhante, tendo dele (de Gadamer) aprendido a lição fundamental de que todo o saber racional se enraíza numa compreensão que nunca pode ser a um termo definitivo (...). Ele (Gadamer) nos instruiu que a hermenêutica se baseia no jogo de pergunta e resposta, e por isso sempre está num acontecer, em que ela não pretende ter a última palavra (STEIN, 2017, p.201).

A hermenêutica é essa pescaria infinita de nossos piolhos existenciais. O que importa é percebemos que há algo que não podemos esgotar, que não podemos pegar como nossas redes de pesca conceituais, mas que supomos que existe, está oculto e atuando cotidianamente em nossas cabeças. A hermenêutica habita esse lugar de paciente pescador. Não se contenta com o que já está pescado nem se dogmatiza ao ponto de pensar que vai esgotar os peixes do mar ou os piolhos da cabeça. Fazer hermenêutica é dar um relato conceitual disso que constantemente se oculta (pois para se ocultar, é preciso antes aparecer). No entanto, o que há de novo no jeito de a hermenêutica pescar suas respostas, seus piolhos? Ela é, antes de mais nada, uma resposta ao projeto fundamental da tradição metafísica.

O além do ser: a transcendência do Uno em relação ao ser

Heidegger (1983, p.39) nos diz que o medo difere da angústia porque sempre possui um objeto que reconhecemos, enquanto a angústia nos joga no terreno da indefinição e da necessidade da decisão: que caminho seguir agora que todo caminho é indeterminado? Essa é a estranheza que se produz quando fazemos filosofia. A obsessão tradicional da metafísica, no entanto, foi a de buscar um fundamento estável, firme, um primeiro princípio que tudo ordene. Que organize e estruture a realidade. A história da metafísica parece ser essa busca por um princípio supremo, essa categoria fundamental capaz de exceder as contingências do mundo histórico. Um primeiro princípio atemporal e, sobretudo, imutável, incapaz de se corromper perante as transformações do mundo sensível e da historicidade humana.

Se tudo muda, deve haver algo que nunca muda e explique a mudança. Se tudo é criado, tem que ter um criador primeiro que não tenha sido criado. Tudo em metafísica parece se reduzir a isto. Por que nossa cultura filosófica, desde sua origem, buscou o ser como um fundamento primeiro? Por que a metafísica foi essa tentativa de estabilizar o instável? A metafísica foi uma tentativa de apaziguar uma angústia produzida pelo devir e pela aporia do ser das coisas. As coisas parecem demasiadas fortes, densas, sentidas, sofridas, carregadas, plenas, insuportáveis. O ser é uma realidade que nos acerta com força e nos deixa perplexos. Estudar metafísica é sempre repensar os fundamentos que fazem da existência algo tolerável. É um exercício de desconstrução que desmonta muitos sentidos cotidianamente estabelecidos e fixados, para retomar aquela perplexidade existencial originária do ser.

O projeto de captar o sentido do ser precisou lutar, ao longo de toda a sua história, contra nossa tendência natural a substituir o ser infinitivo, que faz com que uma coisa se nomeie como ser, por este ou aquele ente principal, que não passa de modalidade de ser (...), apresentamos, no lugar e no espaço do ser, um Ente que acreditamos primordial; (...) abandono do ser à entidade, segundo Gilson; esquecimento da diferença ontológica, segundo Heidegger. (AUBENQUE, 2012, p.25)

Mas como a ontologia historicamente fez o seu trabalho? Como ela serviu como uma maneira de fugir da indeterminação do ser? Isso se deu desde sua origem, em Parmênides e Platão. O ser aparece nestes dois autores necessariamente vinculado ao uno (o absoluto, perfeito, simples e isento de toda a mudança). Desta forma, o ser verdadeiro foi visto como incompatível com a falta, com a mudança e com a alteridade. O ser passou a ser pensando, na tradição filosófica, isento de toda mudança, pois mudar implicaria deixar de ser. Essa expulsão do outro para fora do domínio do ser, ao igualar identidade à realidade, determinou boa parte da história da metafísica.

O ser entrou na tradição filosófica como uma pureza ontológica que não pode ser maculada por qualquer mistura, e toda experiência sensível e finita foi relegada à segunda ordem, ao não ser, ao mundo da aparência. A tradição metafísica permaneceu fiel ao projeto de seus fundadores, pensando o ser sempre numa total identidade consigo mesmo e fazendo disso o mais próprio da realidade. Mas como a metafísica conseguiu ligar o ser com o Uno desta forma?

Segundo Grenet (1970, p 259) foi Diógenes de Apolônia quem primeiro se deu conta de que, apesar da pluralidade dos entes, precisamos admitir todos apenas são alterações de um mesmo ente. O filósofo argumentou que se tudo fosse de fato absolutamente distinto, nada poderia se unir e nem se comunicar entre si. Daqui se derivou a ideia de que existe um

princípio supremo, que goza de todos os atributos de uma divindade (governar e dominar os demais entes) e que se confunde com aquele princípio geral e universal sempre buscado pelos filósofos. Platão seguiu tentando explicar a unidade da multiplicidade em todos os casos através da participação: cada vez que vários são um, quer dizer, são semelhantes, precisamos antepor a todos eles um primeiro que seja primeiro por essência e por si mesmo, já que todos os outros são o que são por semelhança com ele e dependendo dele. Assim, cada vez que pensamos que a multiplicidade se agrupa em uma forma, temos a ideia de que está multiplicidade é um todo ordenado, da qual cada membro possui apenas uma parte – e que no topo dessa multiplicidade há um primeiro princípio que concentra o todo, de tal forma que os membros secundários são “capturados” e “governados” por ele, não passando de cópias ou reflexos de um único modelo.

(...) temos de começar por distinguir o seguinte: o que é aquilo que é sempre, e não tem geração, e aquilo que se gera sempre, e nunca é? O primeiro pode ser apreendido pelo pensamento, acompanhado pelo raciocínio, uma vez que é sempre desta maneira; enquanto o segundo pode ser opinado pela opinião, acompanhada pela sensação desprovida de raciocínio, uma vez que se gera e se corrompe, nunca sendo realmente. Ora, tudo aquilo que é gerado é necessário por uma causa; pois é impossível alguma coisa obter geração sem causa (PLATÃO, 2004, Timeu 28 a)

Foi necessário, assim, divinizar uma das ideias (das formas), fazendo dela o Demiurgo e a Causa eficiente de todas as demais ideias. Se o domínio do ser foi concebido como inacessível em sua pureza ao pensamento humano, restou para a metafísica a solução de procurar algo *além do ser*, a partir do qual o próprio ser se tornou inteligível. Desta forma, uma ideia essencial – um além do ser – foi concebido para unir a existência e salvar o ser da dispersão e da mutilação de sua identidade. O ser, portanto, foi sacrificado em nome de um além do ser. O ser foi subordinado à uma dimensão, ela própria, além do ser, que em Platão recebeu o nome de *Bem*. A consequência disso foi a unificação da ordem ontológica com a ordem teológica, misturando o mundo inteligível do ser com o mundo sagrado dos deuses e dando origem aquilo que Heidegger chamou de *Ontoteologia*.

Com isso está definido o caráter teológico da metafísica, porque agora e somente agora – expressa determinação do ser (a *ousia* como tal) pela *epekeina* – são fundidos o ser e o mais ente como o Divino. Que quer isso dizer, que toda a metafísica é teológica? Em que medida aqui está a razão da possibilidade de uma fusão da fé cristã na metafísica e uma consolidação desta por parte do cristianismo?” (HEIDEGGER, apud Stein, 2003, p.226).

A redução do ser à uma unidade essencial tem uma série de consequências tanto para a ciência ocidental como para nossa forma de ser no mundo. A primeira é aquela que nos vem desde de Parmênides: apenas o que é pode ser conhecido, pois do não ser não podemos ter conhecimento nenhum. E aquilo que é deve ser concebido como uma realidade idêntica a si mesmo e estável em todos os sentidos. Outra consequência foi que surgiu uma hierarquia do ser, em que um além do ser foi nomeado como princípio primeiro de tudo o que é. A história da metafísica, então, passou a ser esse vaivém de Primeiros Princípios, de tentativas de chegar até uma raiz daquilo que é. Trata-se daqueles conceitos que costumamos escrever com letras iniciais maiúsculas: Uno, Deus, Bem, Supremo, Absoluto, etc. Temos, portanto, a transcendência de um absoluto em relação ao ser, fazendo que o ser ocupe uma posição segunda na hierarquia ontológica. Nesta forma de ver o mundo, o inferior só é em razão de seu superior.

Tentamos aqui, brevemente, extrair as implicações últimas desta posição filosófica que imperou na tradição metafísica, que é uma *ontologia do além do ser*. A realidade, o ser, a partir disto, foi fixada em um determinado limite: o ser não pode pertencer ao ilimitado. O ser deve ser fixado em seus limites, deve ser realizado de modo estável. A história da metafísica precisou decretar a decadência do ser em nome de um além do ser, fonte do ser, ao qual o ser serve fielmente.

Explicar o ser através de um além do ser é domesticar: oferece-se um filtro para que as coisas não sejam ameaçadoras. Deus, Absoluto, Bem, etc. são como produtos farmacêuticos, anestésias metafísicas para uma vida que transborda. Nada pode transbordar. É necessário colocar dobras. Limites, termos e definições, pois tudo deve estar delimitado, determinado e definido. A metafísica aceitou essa tarefa, e abordou o real como um sistema. Não é o mero sistema de princípios ontológicos. A metafísica é a regulamentação do ser através de um além do ser, que serve de seu carcereiro. Uma forma de nos deixar distante do horror da existência e da pluralidade do ser. O ser precisou de um além para monitorá-lo e para ser contido. Por isso Heidegger disse que toda a história da metafísica é a história do esquecimento do ser, em que uma das tantas compreensões do ser se absolutiza e oculta o caráter flutuante e aberto do sentido do ser (HEIDEGGER, 2012, p.33).

No entanto, depois que essa metafísica fracassou, o trabalho passou o de ser, mais do que buscar um sentido último, adentrar e explorar um sentido exposto historicamente. Fazer metafísica, então, não é mais acalmar a angústia encontrando um além do ser definitivo, senão desmontar os modos daquilo que historicamente nos foi apresentado como definitivo. Metafísica se torna um exercício de desmontagem, um certo tipo de desmascaramento, que

Heidegger chamou de *destruição da tradição ontológica*. Diante da imposição de um pensamento fechado e último, a nova metafísica prioriza adentrar essas “verdades” para coloca-las em dúvida. Historicamente, nossa finitude e a aporia do ser estiveram desesperadamente em busca de onde fixar-se. Porém, somos limitados. Somos limitados justamente porque não podemos tudo. Nossa finitude, até então, nos impeliu à pergunta pelo excedente, pelo além do ser. Não poderia haver dúvidas se partimos de um Uno que transcende o ser. Dito de outra forma: só o absoluto nos salvava da morte.

O Absoluto. Absoluto é algo que está fora do tempo, que não depende de nada e de ninguém. É o total oposto da fragilidade humana que a hermenêutica pretende pensar. Com o fim dos absolutos, estamos nessa viagem em que talvez saibamos qual será a próxima parada, mas no fundo não sabemos de onde partimos nem qual será nosso destino final; sobretudo talvez porque agora não haja mais início ou final. E por que viajar deve supor um ponto de saída e de chegada? Por que não ser o fluir incessante de algo que não se esgota?

Hermenêutica: uma metafísica revisada?

Hermenêutica historicamente significou a *arte de interpretação*. No entanto, com o tempo, ela acabou significando muito mais o caráter interpretativo de nossos enunciados sobre o mundo e sobre o ser. Ocorreu, assim, um desvelamento do caráter hermenêutico de nosso ideal de verdade. Gadamer afirmava que todo ser que pode ser compreendido é linguagem. Ou seja, pretendemos falar das coisas e dos objetos, mas acabamos sempre falando do sentido e de palavras. Isso quer dizer, para a hermenêutica, que nossa relação com a realidade vem sobrecarregada de uma série de pressupostos que não podemos tematizar de forma absoluta, como os piolhos que nunca acabamos de pegar. Não encaramos o real como uma tábula rasa ou como um papel em branco. Temos sempre um sentido prévio que em todo caso vai se modificando sempre que nos movemos no mundo. O sujeito é sempre um horizonte em transformação, filho de suas tradições, de seus preconceitos e de sua história.

Antes, encontramos sempre em tradições, e esse nosso estar dentro delas não é um comportamento objetivador, de tal modo que o que diz a tradição fosse pensado como estranho ou alheio - isso já é sempre algo próprio, exemplar e intimidante, um reconhecer-se, no qual, para nosso juízo histórico posterior, quase já não se divisa conhecimento, porém a mais singela e inocente transformação da tradição (GADAMER, 2002, p. 423)

Com a hermenêutica a filosofia também foi rompendo muitos dos lugares comuns de sua tradição. Com ela, a filosofia não se coloca mais numa posição especial em que pode

julgar e avaliar a legitimação do resto dos saberes. Ela sabe que alguns piolhos simplesmente não podemos pegar. A hermenêutica rompe com a tradição que fazia da filosofia a rainha de todas as ciências. Ser a rainha de todas as ciências não quer dizer apenas que no início as demais disciplinas eram partes da filosofia e depois foram se tornando independentes. Mais do que isso, é também colocar a filosofia num pedestal, é achar que ela tem em mão um carimbo que pode validar as pretensões de todas as demais ciências, que só poderiam alcançar a verdade de acordo com os critérios estabelecidos pela filosofia.

A hermenêutica nasceu como uma técnica de interpretação de textos considerados obscuros e terminou se transformando em uma nova ontologia: todo o real passa a ser um tipo de “texto”. A hermenêutica seria uma reflexão sobre *aquilo que nos condiciona em sua inevitabilidade*. Em *Verdade e método*, Gadamer realiza uma recuperação da tradição frente a um pensamento racionalista que se vê como autônomo e que dispensa todo seu rastro histórico e sua facticidade. Para o autor, toda nossa relação com a realidade é uma relação hermenêutica: *o ser mesmo se apresenta a nós já com um caráter hermenêutico*. Um pouco nessa direção caminha a famosa – muito citada e pouco explicada - frase de Nietzsche: *não há fatos, apenas interpretações*².

Não existem fatos, apenas interpretações. Com isso Nietzsche estaria defendendo que tudo é relativo, que nada é objetivo em si e nada está dado? Na verdade, com isso o filósofo não estava querendo dizer que não há fatos, mas que só temos acessos a eles interpretando, ou seja, sempre em um contexto significativo. O ser humano só tem acesso ao ser através de sua compreensão que nunca é totalmente transparente, pois traz consigo uma carga de pressupostos, preconceitos e sentidos prévios. Por isso que para Heidegger o ser só se manifesta naquele que formula a pergunta pelo ser. Dizer que não há fatos, mas apenas interpretações não é muito diferente do que dizer que, como os pescadores de Homero, inevitavelmente trazemos juntos aquilo que não conseguimos pegar.

Simplesmente negar os fatos não passaria de mais uma forma de afirmar os fatos. Dizer “não há fatos” e dizer “há fatos” é ainda se mover no mesmo plano teórico: a metafísica da presença, é ainda celebrar a vitória do além do ser sobre o ser. Por isso Heidegger defendia que o niilismo é apenas mais uma forma da metafísica tradicional. Porém, há fatos ou não há? Tomo esse café ou não tomo? Fazer metafísica e pensar o ser da forma como a hermenêutica faz significa ficar no ponto intermediário, significa assumir nossa própria contingência no

² Trata-se do famoso fragmento póstumo 7[60] de Outono 1885 – outono 1887: “Contra o positivismo, que atesta ao fenômeno, ‘só existem fatos’, eu objetaria: não, justamente não há fatos, apenas interpretações. Não podemos constatar nenhum *factum* ‘em si’: talvez seja um *nonsense* querer este tipo de coisa”.

contexto do devir geral das coisas. Somos compreensões do ser que se referem à outras compreensões que se referem à outras compreensões em que nunca se chega ao ser mesmo nem se sabe quem começou a compreender. Por isso o elemento circular da compreensão tantas vezes destacados pelos filósofos da hermenêutica, e que tematizaremos no tópico seguinte deste trabalho.

Há um termo chave em Heidegger que pretendia expressar essa aporia do ser: *Ereignis*. Um tipo de evento, de acontecimento, mas que quando acontece se apropria do observador: *acontecimento-apropriação*. O ser é sempre o que acontece, o que se manifesta, mas ao acontecer se apropria do ser humano. O ser é eventual, aparece, mas em cada aparição se esconde. A metafísica acreditou poder domar esse ser, e então ofereceu princípios, conceitos, divindades como grandes ordenadores e administradores do ser. No entanto, segundo Heidegger, há um dom original do ser que não podemos administrar nem domar, que nos transcende sempre que queremos nos apropriarmos dele e nomeá-lo. Queremos que tudo permaneça mais ou menos estável, então esquecemos o ser, confundimos o ser com o ente, apelamos para um além do ser. No entanto, não podemos fazer isso para sempre. Cada momento pode abrir as portas para um evento, um acontecimento que se apropria de nós e nos desvia: *Ereignis*.

Rememorar o ser como aquilo que já sempre nos despedimos é o horizonte do ultrapassamento (*Verwindung*) do pensamento metafísico. *Verwindung* como “dis-torção” da metafísica, significa a não repetição da metafísica tal como ela é, mas o rememorar a abertura destinal que algo como a “doutrina das ideias” (Platão) pôde apresentar. Ao pensar desse modo, Heidegger denomina como o pensar da “*Lichtung*” - clareira ou abertura do ser constitutiva de cada época. Heidegger descreve a *Verwindung* da metafísica cujas características são aceitação e aprofundamento, como a condição de possibilidade de um “*Ereignis*” fora da metafísica. *Ereignis* é o evento mesmo do ser, isto é, o acontecer ou dar-se do ser enquanto abertura histórica de acesso a um determinado mundo constitutivo de cada época. Há um liame forte, portanto, entre as noções de *Verwindung* e *Ereignis*, forças motrizes do pensamento heideggeriano. A referida destruição da história da ontologia (Ser e Tempo), fica re-significada nesse contexto (VATTIMO, 2007, p.27).

Muitas vezes a metafísica queria nos fazer pensar que uma quantidade determinada de princípios constitui o céu dessa manhã ou o ser humano ou os piolhos dos jovens pescadores. O ser foi pensando ligado à um além do ser. Então o real era pensado como uma estrutura estável, como algo definitivo e produto de um sentido mais ou menos fixo. No entanto, *Ereignis* quer expressar algo vivo e em constante movimento, algo que se apropria do ser

humano e, por isso, não pode ser dominado por ele. Ou seja, não há um ser mesmo em parte alguma do universo, apenas esse jogo aporético de esconde-esconde. O ser, na verdade, é um aparecer, e por isso não pode ser pensado ocupando um lugar no universo. É uma facticidade, uma doação no aqui e agora. O ser não é um ente. Não podemos capturá-lo ou defini-lo porque se assim fizermos ele deixa de ser o ser e se torna outro ente. Apenas podemos, como gostava de dizer platonicamente Walter Benjamin, recordá-lo, rememora-lo como sendo algo do qual sempre iremos fazer parte (BENJAMIN, 1993, p.100). Mas como pensar o ser sem recorrer ao além do ser? A hermenêutica resolveu essa questão com sua intuição fundamental: o *círculo hermenêutico*.

A universalidade da razão hermenêutica: o círculo hermenêutico

Boa parte do trabalho das correntes filosóficas ligados ao historicismo é defender que uma teoria da racionalidade não é mais possível como teoria filosófica pura, como pretendia a tradição, sob signo da metafísica enquanto busca pelo além do ser. Até a popularização do historicismo, esperava-se da filosofia uma atividade fundante; ela desejava, enquanto ontologia ou Ciência Primeira, uma teoria geral sobre o mundo enquanto totalidade, que poderia fundamentar e entrar em um debate com as ciências naturais. Quando o princípio da história começou a perpassar tudo, e a racionalidade e o mundo humano foram se “historicizando”, a filosofia foi se distanciando desse seu empreendimento inicial. Uma vez incorporando a história, a filosofia passou a se ligar com as ciências do espírito e a dirigir um tipo de revolta metodológica contra as ciências naturais. Assim aparece a aliança entre a filosofia e as outras disciplinas históricas, formando as ciências humanas. Conforme a introdução do livro *Construção do mundo histórico das ciências humanas*, de Dilthey:

O que está em questão aqui é a delimitação provisória das ciências humanas por meio de traços característicos seguros. Nas últimas décadas, ocorreram debates interessantes entre as duas ciências e, em particular, sobre histórica: sem adentrar nos pontos de vistas que foram mutualmente contrapostos nesses debates, apresento aqui uma tentativa divergente de conhecer a essência das ciências humanas e de delimitá-las diante das ciências naturais (DILTHEY, 2010, p.19).

Ou seja, uma vez que a pretensão de ser uma ciência primeira pura fracassou, a filosofia em suas vertentes historicistas começa a produzir racionalidade no mundo histórico e social. Para os autores que seguem essa linha, não seria mais aceitável apelar para um além do ser para fundamentar o conhecimento em paralelo ao conhecimento científico. A suposta impossibilidade de a filosofia fazer teoria científica (aos moldes do método das ciências)

sobre a realidade ontológica, levou certos autores a proporem uma outra racionalidade, uma racionalidade *historicizada*. Era essa nova racionalidade que deveria dar constância aos “fatos” humanos e sociais. Foi assim que a racionalidade, nas disciplinas humanas e na filosofia, passou a carregar um elemento *oculto* que não se esgota, e por isso a relação, que estamos fazendo aqui, com os piolhos dos pescadores de Homero.

Agora, a história e a condição histórica passam a ser os princípios e os pontos de partida, e a racionalidade deve ser estabelecida a partir desse novo lugar³. Como não há mais a dimensão ontológica para além do ser, como não há mais realidade primeira como alvo possível, o que se produz é uma cética suspeita contra tudo o que é absolutamente transparente teoricamente. O paradigma hermenêutico nasce da atmosfera desse crescente historicismo combinado com a queda dos projetos metafísicos clássicos (e sua racionalidade). Podemos ver nos autores das diversas hermenêuticas uma constante revolta contra qualquer filosofia ou teoria que pensa poder compreender o mundo humano e sua história a partir de uma posição privilegiada, de uma tese metafísica ou de um além do ser⁴.

A pergunta que podemos fazer, agora que sabemos que não há mais um além do ser e que, portanto, sobraram apenas o homem e a história como o espaço em que a filosofia pode trabalhar com sentido, é a seguinte: o que a hermenêutica pode fazer para corresponder à estas exigências – de que só pode falar com sentido do mundo humano e do mundo histórico do ser humano? Ou seja, o que nós podemos dizer desse espaço da vida humana sem apelar ao nível ontológico ou teológico além do ser? Temos um ser humano entregue ao destino da finitude, que conhece na linguagem, através do tempo e de circunstâncias. O grupo de autores ligados à hermenêutica certamente se viu jogado diante dessas questões. É dentro dessa redução que o conceito heideggeriano de *compreensão* faz sentido: a compreensão se situa num espaço em que não há totalidade fechada, seja ela produzida através da ideia um além do ser ontológico, seja a partir da ideia de um saber absoluto hegeliano.

Mais decisivo é o ponto de partida: que o homem já sempre se encontra previamente em seu mundo como na totalidade de um horizonte, no qual experimenta cada coisa particular e a compreende

³ É importante destacar que isso não implica em um abandono da razão nem a sua condenação absoluta. O que ocorre é um movimento filosófico de autocritica da razão que busca os limites das possibilidades da racionalidade nas disciplinas humanas.

⁴ Certamente esses autores que se reúnem em torno da Hermenêutica representam um dos momentos mais pessimistas na história da filosofia em relação aos poderes emancipatórios da razão, e são até mesmo céticos quanto à uma possibilidade de uma sociedade livre da ignorância, da superstição e do preconceito. Sua denúncia à ideia uma racionalidade absolutamente autoconsciente e transparente atinge o cerne das pretensões filosóficas vindas desde Platão: a ideia de que o conhecimento estaria cada vez mais nos guiando em direção à luz da verdade e ao domínio técnico do mundo.

em seu sentido, na qual também se experimenta e se compreende a si mesmo (CORETH, 1973, p.43).

A racionalidade da hermenêutica, dessa forma, deve possuir um *elemento circular*: *nós não podemos compreender o mundo sem nos compreendermos em nossas proposições sobre o mundo e nós não compreendemos nossas proposições sem compreender o mundo que já somos*. Em outras palavras: ao compreendermos o ser das coisas compreendemos o nosso próprio ser. Essa boa circularidade é a marca registrada de toda a teoria hermenêutica e, no fundo, de toda a filosofia que aceita o fim das metafísicas tradicionais, já que estamos sempre num plano puramente humano e inesgotável. Já que “de fora” ninguém pode ajudar na argumentação que realizarmos, não temos acesso a nenhum dado exterior ao plano humano, resta refletir e buscar sentido dentro dessa circularidade não viciosa.

Esse círculo permanece inelutavelmente na finitude, porque não pode ser rompido, no plano ontológico, por nenhuma intervenção ôntica, quer seja *o intellectos agens*, *o lumen naturale*, ou a *illuminatio divina* (STEIN, 2016, p.249).

Portanto, uma vez que chegamos ao fim de um tipo de pensamento metafísico que buscava o além do ser, estamos em um tempo de crise dos fundamentos e, então, surge a dificuldade de dar universalidade à nossa racionalidade no campo da filosofia e das ciências humanas. Uma vez que perdemos o fundamento que vinculava a razão ao universal de maneira ontológica, e estamos postos num plano em que o espaço de fundamentação é totalmente histórico (mas não teleológico), temos como um problema com a tentativa de garantir uma universalidade para a racionalidade. A partir do fim da metafísica, nosso trabalho de oferecer razões na hermenêutica pode apenas parecer uma atividade lúdica, mais uma construção aleatória do que propriamente uma justificação racional da nossa relação com o mundo.

Precisamos levar a sério essa questão e nos perguntar como é possível a universalidade dos enunciados da hermenêutica, já que ela não pode ser encontrada fora da história nem ligada a qualquer tipo de Absoluto além do ser. Certamente que os autores da hermenêutica, ao apresentarem suas teorias, apresentam-se com pretensões de validade dotadas de alcance universal. Suas proposições, dessa forma, devem apresentar uma consistência e uma coerência que garantem sua justificação como discurso. Um dos limites do pensamento hermenêutico será que ele nunca irá possuir esse objeto que garante sua universalidade, isto é, o dado que a gera sempre terá um elemento de *intransparência* e de *inesgotabilidade*.

E isso porque o princípio que vai lhe dar universalidade não só se situa na história, mas é, de certa forma, a própria história. E um discurso que carregue a marca historicista trará sempre consigo aquele elemento circular que falamos antes, e que Heidegger chamou de *círculo da compreensão*. Isso justamente porque não há mais ponto fora do tempo e da história que justifique nossas proposições. Em Heidegger é o método fenomenológico que articula o potencial crítico dessa produção circular de racionalidade.

Somente assim é possível garantir uma interpretação ontológica originária do ser-aí. Originária, quer dizer, de acordo com “as coisas mesmas”, como exige o método fenomenológico. Por isso mesmo o método fenomenológico desdobrado em Ser e tempo exige e se movimenta na circularidade. É que ‘o círculo esconde em si uma possibilidade autêntica de um conhecer mais originário’. Essa originariedade depende, entretanto, do ‘desenvolvimento das antecipações conforme as coisas mesmas’” (STEIN, 2016, p. 255).

Há, portanto, um elemento circular da compreensão que constitui o momento necessário para a produção de racionalidade da hermenêutica, que dessa maneira opera como o “lugar” que garante a universalidade destes enunciados filosóficos. Sua historicidade, diferentemente da concepção de Hegel, não faz parte de um paradigma em que as relações entre ser e dever ser, entre história e mundo, são estabelecidas a partir de pretensões de filosofias do além do ser. A hermenêutica trabalha naquele plano em que há propriamente apenas o ser humano. Essa redução do espaço de atuação da filosofia acabou abrindo novas possibilidades de integração e de convergência entre a filosofia e as demais ciências humanas, e por isso a interdisciplinaridade era tão importante para o projeto das ciências do espírito fundamentadas na hermenêutica.

A antiga racionalidade metafísica precisou ser recusada porque partia de um falso pressuposto: o ponto de partida do mundo ontológico para além do sentido do ser. Temos que perceber as consequências de tal gesto filosófico feito pela hermenêutica: ele, por um lado, recusa a noção de totalidade da tradição metafísica, e, por outro, introduz uma ideia de totalidade que se produz no próprio processo, e que é operada no trabalho teórico, mas que nunca se finaliza e se completa. Essa totalidade teórico-prática repõe a cada momento do esforço teórico e permanece uma espécie de horizonte regulador aberto, nunca encerrado.

Essa linha holística de argumentação diz que nunca estaremos aptos a evitar o “círculo hermenêutico” – o fato de que não conseguimos compreender as partes de uma cultura, prática, teoria, linguagem, ou seja o que for, estranho, a não ser que saibamos algo sobre como a coisa inteira funciona, enquanto ainda não conseguimos uma

apreensão de sobre como o inteiro funciona até que tenhamos alguma compreensão de suas partes (RORTY, 1994, p.193).

Trata-se da reabilitação de uma forma propriamente filosófica de se apanhar a realidade no diálogo com as demais ciências humanas. É por isso que a fenomenologia em Heidegger não é apenas um instrumento do pensamento, mas um modo pela qual a filosofia sabe da condição de inevitável participação da razão em tudo aquilo que ela conhece. Ou seja, a hermenêutica traz no ventre a ideia fecunda das condições históricas do trabalho do pensamento. E por isso afirma a impossibilidade de um ponto fora do universo humano para fundamentar a reflexão, um lugar do espectador imparcial ou do observador privilegiado. Não temos mais nenhum além do ser. Após a consumação da metafísica e a afirmação da historicidade, não há ponto de vista de fora sobre a condição humana. É isso que sabe a fenomenologia como método⁵; “a situação hermenêutica é, portanto, exigida pelo próprio método fenomenológico hermenêutico, que, por meio do círculo hermenêutico, procura explicitar o sentido ontológico do ser-aí” (STEIN, 2016, p.255).

Considerações finais: apenas mais um gênero literário?

Na leitura de Nietzsche (2015, p.10), Platão nos dizia que o real não era “o real”. Ou seja, o mundo que consideramos real não é mais do que a aparência ou cópia de uma autêntica realidade que se encontra em outro lugar mais além. A realidade não é a nossa realidade, é uma outra oculta e fundamental que justifica a contingência do mundo das aparências. Esse café que derramei e se espalha pela minha mesa, ainda que seja tão evidente, não é o verdadeiro café. Não é mais que uma imagem, uma aparência. A ideia de cadeira para Platão é a única cadeira real, enquanto todas as outras cadeiras não são mais que cópias degradadas. Não há mais do que uma única ideia de cadeira que contém todas as demais ideias de cadeiras possíveis. O esquema dualista, segundo Nietzsche, vai tomar várias formas na tradição metafísica. A ideia é sempre apostar numa verdadeira realidade, um além do ser, que desde

⁵ Vale a pena destacarmos que a hermenêutica em nada nos torna mais informados sobre ciência e conhecimento científico. Ninguém aumenta seu repertório de conhecimento científico lendo Heidegger ou Gadamer. Mas essa nunca foi a intenção desses autores. Seu projeto era a de tematizar um pano de fundo, um bastidor de legitimidade, que recupera a unidade do modo descontínuo em que a ciência trabalha. Esse bastidor de legitimidade, esse pano de fundo suposto pelas mais diversas ciências, passa a estar conectado com a historicidade humana e sua compreensão. Ou seja, o pensamento hermenêutico de forma alguma pretende competir e ocupar o lugar das ciências naturais. Nas palavras de Rorty, “a hermenêutica não é ‘outro modo de conhecer’ – compreender enquanto oposto a explicação (preditiva). É vista melhor como outra maneira de lidar (1994, p.349). Isso significa, em poucas palavras, que interpretação e compreensão enquanto historicidade antecede qualquer teoria do conhecimento.

seu não lugar ordena, como um maestro superior, o degradado mundo das aparências. Foi com essa forma de fazer metafísica que a hermenêutica rompeu.

Mas se não há mais uma realidade ontológica situada no mais além, o que nos resta? Podemos ler a história da filosofia de muitas maneiras. Filosofia se faz nesta permanente conversação entre autores de tempos e lugares diversos, em que não há uma negação do passado, mas sim uma ressignificação. Dialogamos com nossas fontes, com os clássicos – e de alguma forma fazer filosofia tem mais a ver com essa conversa com os clássicos do que com a descoberta de princípios últimos da realidade. A filosofia é um tipo de saber, um tipo de discurso, uma forma particular de encarar a realidade, de fazer perguntas, de combinar conceitos e argumentos – ou seja uma forma de escrever, uma escritura, um jeito de conversar com autores passados através da escrita: um gênero literário.

O fato de que podemos continuar a conversação que Platão começou sem discutir os tópicos que Platão queria ver discutidos ilustra a diferença entre tratar a filosofia como uma voz numa conversa e tratá-la como um tema, um *Fach*, um campo de inquirição profissional. A conversação que Platão começou foi ampliada por mais vozes do que Platão sonharia possível, e, assim, por tópicos sobre os quais nada sabia (RORTY, 1994, p.283).

Talvez a filosofia, depois do final das metafísicas do além do ser, não seja mais que um gênero literário, uma forma específica de se lidar com as palavras, de conectar ideias e de mover o pensamento. Um gênero literário é uma de tantas formas possíveis que o ser humano tem de construir significado para o ser e para sua vida. Fazer perguntas existências, levantar dúvidas metafísicas, predicar o ser, isso tudo não nos faz melhores ou mais profundos do que ninguém. Apenas nos coloca em uma das tantas perspectivas que vão se abrindo nesse jogo sem fim de velar e desvelar do ser. Tem o mesmo valor que fazer poesia ou química. É apenas uma das tantas máscaras que podemos vestir, uma de tantas outras fantasias possíveis.

“Apenas mais um gênero literário”. É o que Rorty nos diz, interpretando certas ideias da hermenêutica. O singular na filosofia, aquilo que verdadeiramente nos une enquanto gente ocupada com isso, é que ela é feita por pessoas através da escrita e da leitura do mesmo gênero. Um tipo de literatura, que também tem seus protagonistas, seus vanguardismos e seus clássicos. A Verdade é apenas mais um dos seus personagens. Se a filosofia passou a ser pensada como um gênero literário foi porque, na hermenêutica, foi compreendido o caráter “literário” do próprio ser. Algo que, apesar de toda a sua aporia, continua nos condicionando. Se o ser se transformou em sentido do ser, então estamos jogamos no campo da conversação e da escrita (RORTY, 1994 p.380),

No entanto, se o ser é aporético, se nosso discurso teórico não pode domesticá-lo, se ninguém de fora nos observa e se a filosófica é apenas mais um gênero literário, então o que devemos fazer? Assumir que toda verdade é provisória, histórica e que cada vez que tiramos a máscara de um rosto nos aparece uma nova máscara para desmascarar que também nos leve até outra máscara e, assim, não chegamos nunca ao rosto real? Nunca vamos vencer a circularidade da compreensão? O que importa é que nossa relação com o ser e com mundo deve mudar quando compreendemos essas coisas. Se não sabemos mais qual é o verdadeiro rosto por trás das máscaras, então, em primeiro lugar, não faz sentido sermos fanáticos de nós mesmos, não faz sentido nos levarmos tão a sério⁶. Só nos resta, então, esse eterno projeto hermenêutico de libertar a vida humana de todas as suas possíveis prisões ontológicas? Tudo termina, no final das contas, em uma atividade de desmascaramento infinito? Saímos de uma caverna para nos vermos habitando nova caverna? São cavernas até o fim? Ora, temos que admitir que se dar conta disso foi uma grande novidade na história da filosofia.

O ser é um acontecimento-apropriação que vai sempre escapando das formas epocais de sua entificação; ele reinventa-se, continuando aberto na contingência que o vai levando até novos e inesperados caminhos. A hermenêutica nos mostra que a compreensão nunca escapará da circularidade: todo sentido vem de um sentido prévio, toda compreensão do ser dialoga com outras compreensões, e assim nunca alcançamos o que está por trás das compreensões – se é que algo há – isto é, o ser. A correta compreensão do ser deve sempre ser, ela própria, conquistada novamente. No entanto, o que importa é que sigamos catando os piolhos de nossas cabeças. Para a hermenêutica, nunca ninguém pegará o último.

Referências

AUBUNQUE, Pierre. *Desconstruir a metafísica?* Tradução de Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 2011.

BENJAMIN, Walter, *La Metafísica de la Juventude*. Trad. Luis Martínez de Velasco. Barcelona: Ediciones Páidos Ibérica, 1993.

CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU, 1973.

DAL FORNO, Ricardo. *Ironia e ceticismo: a desconstrução como o riso da filosofia*. Porto alegre: Editora Fi, 2017.

⁶ Explorei a relação entre o riso e o fim da metafísica em minha tese de doutorado que foi pública em livro (DAL FORNO, 2017).

DILTHEY, W. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editor Unesp, 2010

GADAMER, Hans. *Verdade e Método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2002. 3

GRENET, P.B. *Ontologia: curso de filosofia tomista*. Barcelona: Editorial Herder, 1970.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 35-44 (Os Pensadores).

_____. *Ser e tempo*. Trad. de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

HERÁCLITO, e outros. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de textos e supervisão: Prof. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich, *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Belin: Walter de Gruyter e Co, 1978.

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Maria José figueiredo. Lisboa, Ed.: instituto Piaget, 2004. (Coleção: Pensamento e Filosofia).

RORTY, Richard. *Filosofia e espelho da natureza*. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.

STEIN, Ernildo. *A caminho do paradigma hermenêutico: ensaios e conferências*. 2 ed. Ijuí: Editora Unijui, 2017.

_____. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. 2 ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2016.

_____. *Nas proximidadeS da antropologia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

Recebido em 26/06/2018

Aprovado em 20/08/2018